



## DO PORTÃO À SALA DE AULA: EXPERIÊNCIA DE MULHERES VELHAS NA UNIVERSIDADE NUMA CIDADE DE ÂMBITO AMAZÔNICO

Andréa Mello Pontes <sup>1</sup>

A mulher velha, ao entrar pelos portões da universidade<sup>2</sup> e passar a freqüentar a Universidade da Terceira Idade- UNITERCI, não desenhou apenas uma ruptura com o mundo privado e com papéis sociais, antes exclusivos, de sua condição de mulher naquele contexto, nem tampouco, é apenas a expressão de novas formas de viver a velhice, mas é a sua combinação “proposital” que desnuda a eloqüência da cultura e dos seus sistemas simbólicos:

De manera que emprender el estudio de la actividad cultural – actividad de la que el simbolismo constituye el contenido positivo - no es pues abandonar el análisis social por una platónica caverna de sombras para penetrar en el mundo mentalista de psicología introspectiva o, lo que es peor, de filosofía especulativa, y ponerse a vagar permanentemente en medio de una bruma de “cogniciones”, “afecciones”, “impulsos mentales” y otras elusivas entidades. Los actos culturales (la construcción, aprehensión y utilización de las formas simbólicas) son hechos sociales como cualquier otro; son tan públicos como el matrimonio y tan observables como la agricultura (GEERTZ, 2000:90)<sup>3</sup>

Em primeiro lugar, parece ser interessante considerar que esse tipo de relação entre velhice, mulher e universidade põe em dúvida qualquer possibilidade de defesa do argumento de que o curso de vida seja algo progressivo, linear e fundamentado nas limitações biológicas da existência que conectam presente, passado e futuro de uma forma unidirecional. Por tanto, e em segundo lugar, o processo de “incorporação”, que define que os corpos biológicos são mais do que apenas entidades biológicas devido à incorporação da identidade social e pessoal, o que resulta em que a velhice só pode se constituir num momento privilegiado de (re) significações e novas práticas sociais se, compreendermos que as transformações biológicas próprias da velhice, incluindo a morte do corpo físico, ainda que pertencentes à vida humana sejam fenômenos biológicos que entram pra vida por meio de uma interpretação:

As interpretações culturais do sentido da vida, da morte, e da natureza do que é ser um ser humano estão infalivelmente entrelaçadas com os fatos materiais da existência. Embora a morte do corpo aconteça dentro de uma seqüência temporal dentro de uma determinada existência o ciclo biológico da vida é apenas um dentre

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pela UCM – Madrid/ Universidade da Amazônia – UNAMA.

<sup>2</sup> O presente artigo é parte da tese de doutorado: El envejecimiento Femenino em la ciudad de Belém do Pará – Brasil. O objeto de estudo da tese foi a relação entre a velhice de mulheres e a participação delas na criação de novos espaços de sociabilidade para pessoas idosas na cidade de Belém, entre elas, a Universidade da Terceira Idade – UNITERCI, que funciona na Universidade Federal do Pará – UFPA. As mulheres estudadas na pesquisa eram, predominantemente, mulheres pobres economicamente falando, com baixo nível de instrução (nível fundamental incompleto) que não puderam seguir estudos e entrar para universidade para fazer uma graduação, pois se dedicaram a família, apenas na velhice, entram na universidade para participar do programa de extensão de universidade da terceira idade e neste momento recriam suas vidas de mulheres velhas.

<sup>3</sup> GEERTZ, Clifford. La Interpretación de las Culturas. Ed.10, Barcelona: Gedisa, 2000, p.90.



três elementos. O curso de vida na sua complexidade também inclui um ‘curso social de vida e um curso de vida pessoal para cada ser humano, cada qual com seu começo e fim’. Por tanto, uma compreensão completa do processo de envelhecimento requer um conhecimento totalmente integrado dos três elementos complexos do curso de vida. As condições físicas e biológicas entram na vida humana por meio das interpretações produzidas em diversas culturas e em períodos variados da história humana. (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 2000:116).<sup>4</sup>

Featherstone (2000)<sup>5</sup> define que as inovações sociais e tecnológicas atuais permitem aos indivíduos uma liberdade de escolha sobre seus corpos e sobre a manipulação do *self* que abre novas possibilidades de experiências no curso de vida. Podemos, então, associar essa plasticidade do curso de vida nas sociedades moderno-contemporâneas à possibilidade da construção da subjetividade e objetividade das práticas sociais como um campo de possibilidades e daí derivar que a entrada da terceira idade na universidade é uma apropriação arbitrária da população idosa no processo de negociação com a sociedade no que tange à gestão da velhice e conquista de novos espaços de sociabilidade.

Por tanto, a distância entre o ensino fundamental, e até muitas vezes a ausência dele, e o mundo da universidade presente na vida das mulheres que participam da UNITERCI, não se constituiu, exclusivamente, num “vazio” de pré-requisitos para acessar a formação universitária, mas se configurou em um mundo de experiências outras, que vividas em casa, na comunidade, na religião, nas relações vicinais no trabalho doméstico, no universo das crianças, dos filhos, de enteados, sobrinhos, TV, o rádio, “formaram competências e habilidades” que fizeram dessa mulher uma escultora da velhice, atenta às novas possibilidades de vida, justamente num momento em que se convencionou acreditar ser o lugar da inutilidade e finitude, esse foi o caso de Zênite.

Quase que diariamente, encontrava-se na UNITERCI uma senhora de 1,40 de altura, corpo proporcionalmente pequeno, um rosto arredondado, cabelos brancos vestida com roupas simples, costuradas por ela mesma, insinuando-se com bijuterias coloridas, colares brincos, broches, uma vaidade, ou melhor, dizendo uma “faceirice”, “eu, sou velha, mas gosto de estar, assim ajeitadinha,” normalmente ela gostava de asseverar que estes eram objetos que havia ganhado dos amigos que gostam muito dela e que são muitos porque que ela é uma pessoa muito querida.

Zênite se configurou numa figura ícone desse novo lugar para pessoas idosas existente em Belém do Pará. Lugar para uma velhice disposta a descentrar as identidades impostas pelos estereótipos e preconceitos que colocavam os idosos no lugar da inutilidade e do esquecimento. Ela representava um “novo modelo de idoso” construído na interface das novas práticas sociais

---

<sup>4</sup> FEATHERSTONE, Mike e HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso de vida incorporado, in. Guita Grin Debert; Dona Goldestein.(orgs). Políticas do Corpo e o Curso de Vida. 1ªEd. São Paulo: Sumaré, 2000, p.109-132.

<sup>5</sup> Idem



instituídas na Uniterci, sustentadas pelo conhecimento científico produzido na Universidade sobre velhice, na relação com a mobilização de ações de visibilidade pública acionadas pela Uniterci e na participação dos idosos que respondiam, a seu modo, a essas novas praticas sociais para serem vividas na velhice.

O “Modelo do idoso” que sai da UNITERCI, ou que se deseja que saia da UNITERCI, é um idoso mais consciente dos seus direitos de cidadão e, portanto, conhecedor da sua condição de envelhecimento que iluminado pelo ponto de vista da ciência, através da geriatria e da gerontologia, eles acessavam um conjunto de novas possibilidades de viver de forma positiva a velhice. Era preciso que o idoso saísse da obscuridade da “conspiração do silêncio” em torno da velhice para então, reconhecer que o aumento do numero de idosos, no Brasil e no Pará significava que eles começavam a preocupar a sociedade, que já se mobilizava para reconhecer-lhes a cidadania.

Zênite (80 anos) é o “modelo de aluna da UNITERCI”, se tornou poeta depois de passar pelo curso de aperfeiçoamento cultural, a porta de entrada da Uniterci. Depois dos 70anos, já publicou quatro livros, estando com “suas memórias” em fase de edição para tentar publicar o que será seu 5º. livro. Todos os seus quatro livros contaram com o apoio da Uniterci: “Em algo venci” (1998) com poesias; “Artes de Mim” (2000) textos de teatro; ”Historias da Vovó Nana” (2003) historias infantis e “Semeando Poesias” (2005) com poesias novamente.

Nascida em Açú, em 1926, no Rio Grande do Norte, região do Brasil, castigada pela seca e pela pobreza, Filha de um sargento de milícia e uma dona de casa, teve cinco irmãos, quatro do casamento de seu pai com sua mãe e outra, do segundo casamento de seu pai. De seus irmãos nascidos em Açú dois morreram ainda criança, ficando apenas um irmão e uma irmã.

Sua vinda para Belém deveu-se aos fatos vinculados as práticas políticas de seu pai no nordeste, local de onde teve que sair fugido, pois era procurado pela policia, algo não muito claro para Zênite, que diz: ”isso é que eu queria saber, porque meu pai teve que fugir da policia se ele era da policia? (mas eu acho que ele depois mudou e passou a gostar do Lampião o cangaceiro procurado pela policia) e do Prestes (revolucionário comunista) para quem ele mandava cartas que eu, até pouco tempo, tinha guardadas, mas, minha irmã que é doente mental rasgou tudo. (lágrimas)” Depois que seu pai fugiu para Belém e assumiu uma identidade falsa e encontrou emprego, ele mandou buscar os filhos que haviam ficado no Rio Grande do Norte com a mãe das crianças que faleceu pouco depois de sua fuga para o Pará.

Eu tenho vontade de escrever um livro sobre as minhas memórias, eu estou já toda minha vida num caderno porque eu quero publicar esse livro, eu acho que eu ainda vou viver par ver esse livro. (Zênite, 80 anos)



Foi quando tomei contato com seu interesse de publicar esse livro que lhe fiz uma proposta, pois ela estava escrevendo com muita dificuldade, e teria muitos problemas para editar, seu quinto livro tendo ele apenas manuscrito. Então eu lhe propus que ela fizesse parte de minha pesquisa, o que, á estava ocorrendo mais sistematicamente, através de encontros e conversas sobre a pesquisa. Então eu faria sua história de vida e lhe daria transcrito e em CD todas as suas sessões de entrevistas para que ela organizasse e editasse de acordo com seus interesses ela concordou, pois de certa forma, ela já havia iniciado a contar-me sua historia: “professora, a senhora não vai conhecer nenhuma idosa com a história mais interessante que a minha”.

Escrever não é fácil, pensei que pudesse lançar um livro a cada dois anos. Sempre tive apoio para publicar meus livros. O lançamento do meu primeiro livro foi no Teatro da Paz. coisa mais linda, mais eu to pensando para publicar o 4º. Quero vê se ainda publico o quinto, se Deus quiser! (Zênite, 80 anos)

Contou-me que chegou a Belém na década de 40, Belém vivia rebatimentos da Segunda Guerra Mundial, tudo era mais difícil, inclusive perdeu seu irmão nas ruas de Belém e nunca mais o viu depois que ele saiu de casa para ir atrás de comprar açúcar e nunca mais voltou, ela não sabe explicar esse fato, apenas sente muita tristeza ao lembrar. Vivendo com seu pai, e sua, agora, única irmã, experimentavam as dificuldades, ao ponto de que ela e a irmã tiveram que trabalhar ainda adolescentes para ajudar o pai que ganhava muito pouco como capataz de uma empresa em Belém. Não voltou a estudar, e permaneceu com a 4ª série do ensino fundamental que cursou ainda quando morava no Rio Grande do Norte.

Entretanto, quando seu pai casou pela segunda vez, ela e a irmã saíram de casa por incompatibilidade nas relações com a nova esposa de seu pai, com quem teve uma filha. Ambas foram morar com uma amiga e seguiam trabalhando no comércio da cidade de Belém. Mas seu pai ficou viúvo da segunda esposa e não se sentia em condições de criar sozinho, sua mais nova filha que ainda era criança quando a mãe morreu. Então ele chamou Zênite para cuidar dela e morar com ele e cuidar da casa.

Zênite desistiu de seu emprego e voltou para casa do seu pai, para assumir a casa e a irmã que cuidou como filha. Como filha mais velha, foi a “escolhida” para cuidar do pai, o que fez até quando ele morreu, depois seguiu cuidando de sobrinhos e da irmã que se tornou doente mental. Zênite não casou, não estudou mais e não trabalhou senão como costureira atividade na qual se aposentou , recebendo um salário mínimo. Com sessenta anos foi morar só, já que seus familiares haviam constituído vida independente da sua, coisa que para ela foi abandono.

É o momento que, já velha, se deu conta que não havia feito nada por si própria não tinha construído uma família sua, então adotou uma menina que hoje adulta vive com ela e é sua



companhia, “é tudo para mim”. E “um dia eu estava no ônibus em Belém, já com 68 anos, uma senhora que estava sentada ao meu lado me disse: por que a senhora não vai fazer a UNITERCI? E eu fui.”

A UNITERCI cruza com a história de vida de Zênite em 96, quando já estava mais consolidada como uma instituição interveniente da gestão da velhice em Belém, quando no momento em que encontrou a possibilidade de entrar para a universidade perdeu a noção da distancia entre seu último ano de estudo na 4ª. série do ensino fundamental, concluído no Rio Grande do Norte-RN, sentiu-se como se estivesse entrando para uma universidade comum, fato já referido no início do capítulo. Era a chance de voltar a estudar, ela que sempre foi inteligente, era destacada no colégio, e gostava muito de ler e lia poesias.

Como eu sempre fui pobre e não tinha dinheiro, nos aniversários das minhas colegas da Uniterci, eu não podia dar um presentinho, então eu declama uma poesia de outros poetas, e minhas amigas começaram a me chamar de poetiza, eu dizia que não era justo porque eu não tinha escrito a poesia, mas elas diziam que era a mesma coisa, então decidi começar a escrever para fazer jus ao título (Zênite, 80 anos)

O estudo realizado por Wilma Coelho (2006)<sup>6</sup> aborda o tema da educação e formação de professores do estado do Pará, ela demonstra que a educação no Para no período, por exemplo, em que Zênite vem para Belém, teve um avanço quando a “Escola Normal” (formava professores) abre a possibilidade do ingresso de mulheres na formação de professoras. Ampliando o acesso da mulher a escolaridade, porem ainda restrito aos segmentos de classe médios e altos. Exigindo para ali entrar uma escolaridade mínima que mulheres como Zênite, Linda e outras que freqüentam a Uniterci não tiveram condições de comprovar.

O Estado do Pará, ainda na década de 70, apresentava um numero enorme de analfabetos, crianças e adolescentes fora da escola, e uma deficiência avassaladora de docentes (COELHO: 2006)<sup>7</sup>. É na década de 80 que vamos assistir um avanço na educação no Brasil e no Pará, inclusive com a maior participação das mulheres como gestoras de escola tendo em vista que elas haviam adquirido uma gama de conhecimento educacional, graças à melhoria na formação de professores.

Mas o relevante é que, neste contexto, as mulheres de nossa pesquisa já estavam absorvidas pelo mundo privado da família, mesmo no caso de zênite que não casou, mas, como mulher e filha mais velha, foi desempenhar os papeis designados para mulher no âmbito das tarefas domésticas. E, em verdade, eram universos que caminhavam paralelos, na medida em que havia um avanço na escolaridade das mulheres de classe media e alta, elas aprofundavam no mundo das tarefas dentro

---

<sup>6</sup> COELHO, Vilma Bahia. A Cor Ausente. 1ªEd. Belém: Unama. 2006 p.32.

<sup>7</sup> Idem



da casa. Vale ressaltar que os códigos que definiam os papéis femininos existiam para todas as classes, mas a escolaridade de segmentos de classe e a prática da filantropia fora da casa foram elementos de ruptura com o enclausuramento da mulher no âmbito privado. (ÁLVARES,2001)<sup>8</sup>

Os códigos que disciplinavam a conduta das mulheres estiveram independentes de classe social vinculado ao “estado natural do casamento” como condição do “feminino”. A preparação da mulher para vida doméstica dava-se no seu relacionamento familiar. E no caso de Zênite, esse casamento foi com as obrigações familiares.

Eu perdi praticamente a mocidade, tomei gosto, (de criar sobrinhos) e ainda fiquei com três sobrinhos filhos dessa minha única irmã (do pai e mãe) essa que era danada quando era criança, teve 10 filhos e vivia muito apereada (sem dinheiro), aí com pena dela eu mesma me ofereci para ficar com três, com as três crianças. (Zênite, 80 anos)

As mulheres que freqüentam a Uniterci, em suas trajetórias não construíram projetos individuais e de realização pessoal e muito menos projetos que estivessem vinculados à escolaridade formal. Foi construído socialmente um “buraco” de meio século entre a última vez que estas mulheres estudaram e a entrada delas na Universidade, na velhice.

Na velhice, elas se encontravam diante de uma sociedade contemporânea em complexas transformações, no que diz respeito aos papéis da mulher, A associação dessas mudanças com as possibilidades de novas práticas a serem vividas na velhice fizeram da UNITERCI um novo lugar para vivências de mulheres velhas no mundo público, este espaço conquistado pelas mulheres paraenses como afirma Luzia Álvares em seu estudo sobre “Educação e (in) submissão feminina no Pará”:

As mulheres começaram a descobrir que poderiam atuar em outras atividades, independentes dos papéis que lhes eram atribuídos, na área doméstica isso contribuiu para criar-lhes uma maior percepção sobre os limites impostos a ampliação de seus conhecimentos e à sua presença em outros espaços. Nos textos aqui analisados, e em outros escritos femininos do período estudado, ressalta-se significativamente a perspicácia delas sobre a sua exclusão dessas áreas, onde parecem dizer. Nós somos mães esposas, filhas, mas também damos conta do trabalho masculino. Vão procurar trabalho e deixem a nossa vida em paz. E mais ou menos isso o que Ada Silva quer dizer, quando constrói os atributos do retrato masculino, semelhantes às mulheres: há homens ociosos como há mulheres inteligentes (ÁLVARES, 1995:219).<sup>9</sup>

E a experiência de mulheres velhas em Belém, demonstram que suas velhices só puderam se constituir num novo momento para viver práticas sociais e novas sociabilidades quando também foi possível romper com práticas comuns a suas histórias de vidas como mulheres que o contexto social

<sup>8</sup> ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D’INCAO, Maria Ângela; SANTOS, Eunice Ferreira (Orgs.) Mulher e Modernidade na Amazônia. 1ª Ed. Belém: GEPEN/CFCH/UFPA, 2001. 74p.

<sup>9</sup> ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910-1037, in Maria Luzia Miranda Álvares; Maria Ângela D’Incao (Orgs.) A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. 1ª Ed. Belém: GEPEN, 1995 p.133-154.



em que viveram também as colocou distante da construção de projetos de vidas individuais pela correlação entre sua condição de mulher e suas condições de classe social.

A UNITERCI, portanto, se configurou numa espécie de pagamento de uma dívida social do estado do Pará, com essas mulheres que construíram, entre ruptura e manutenções, entre ambigüidades e novidades novos espaços de sociabilidade, reinventaram a velhice e suas vidas como mulheres e como cidadãs.

### *Bibliografia*

ÁLVARES, Maria Luiza Miranda. Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no Pará: 1910-1937 In: Maria Luiza Miranda Álvares; Maria Ângela D’Incao (Orgs.) **A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia.** 1ªEd. Belém: GEPEM, 1995.133-154p.

ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D’INCAO Maria Ângela, SANTOS, Eunice Ferreira (Orgs.) **Mulher e Modernidade na Amazônia.** 1ªEd. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, 2001. 74 p.

COELHO, Vilma Bahia. **A Cor Ausente.** 1ªEd. Belém: Unama. 2006. 32p.

GEERTZ, Clifford. **La Interpretación de las Culturas.** Ed.10, Barcelona: Gedisa, 2000.90p.

FEATHERSTONE, Mike e HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso de vida incorporado, In. Guita Grin Debert; Dona Goldestein.(orgs). **Políticas do Corpo e o Curso de Vida.** 1ªEd. São Paulo: Sumaré, 2000.109-132p.